

ELEMENTOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UM SISTEMA DE CUSTOS NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO BRASIL

¹Emily Goes de Araujo Figueiredo

RESUMO

Expõe os “ingredientes” necessários para que as micro e pequenas empresas da região brasileira apliquem um sistema custos, já que se percebe que esta tem sido a grande deficiência gerencial causadora de inúmeras falências para o Brasil. Para tanto, explica a função dos custos dentro de empresas com estruturas administrativas carentes: planejar e controlar custos, despesas, investimentos e qualquer outro tipo de gasto, maximizando o lucro como finalidade final e primordial. Segue por mencionar os passos do planejamento – a base inicial para a aplicabilidade de um bom sistema de custos em qualquer entidade. Após, descreve as características do sistema de custo ABC (por atividades), considerado hodiernamente como o melhor em termos gerenciais por refletir de forma mais fiel a realidade da empresa, proporcionando maior visão de análise e conseqüentemente decisões de cunho financeiro mais seguras, sendo que esta é uma sugestão de aplicação principalmente para a localidade em tese. Segue explicitando as ações para a correta prática de um sistema de custos, bem como a ordem de tais fatores que se deve respeitar no momento de sua inserção. Neste ínterim, fornece um roteiro simples, visando os que pouca ou nenhuma noção da estrutura de um sistema de custos possui – as micro e pequenas empresas.

PALAVRAS-CHAVE: micro e pequenas empresas; sistemas de custos; custeio ABC; planejamento; controle.

1 INTRODUÇÃO

A região em estudo conta com um patrimônio natural invejável. Isto fornece oportunidade para que muitas empresas se estabeleçam e ideias inovadoras com respeito a formas de “ganhar dinheiro”, surjam. É neste momento que se verifica a consequência de se deixar, por assim dizer, “ouro nas mãos de crianças”.

Mesmo com todo o suporte de uma cultura variada, com povos receptivos a todas as espécies de novidades e com tecnologia sendo ofertada na região, muitas pequenas empresas nascem, caminham bem, porém em certo ponto caem – caem no sentido das vendas, as despesas aumentam aceleradamente, sem faturamento nasce a necessidade de despedir

¹ Contadora CRC/Ba, especialista em metodologia e docência no ensino superior, mestranda em regime especial em educação e contemporaneidade, professora universitária e de nível técnico.

funcionários, desta forma, produção as vezes desaba ainda mais e todo este ciclo se torna uma verdadeira “bola de neve”!

É preciso conhecimentos que sirvam de base, que alicercem de forma a desenvolver com segurança o processo de desenvolvimento das empresas. Sabe-se que a contabilidade exerce aí um papel fundamental, atuando como um suporte para manter a estrutura negocial em harmonia.

Dentro da Ciência Contábil, há então um ramo que se responsabiliza em atuar diretamente na gerencia de gastos, com o objetivo primaz de maximizar os lucros da empresa, mesmo o faturamento continuando o mesmo. O “truque” contido neste ramo contábil – Contabilidade de Custos, não significa aumentar preços, mas sim diminuir custos, cortar gastos desnecessários para que um faturamento que antes parecia ser insuficiente para cobrir as despesas da empresa, agora pareça ser satisfatoriamente excedente, o lucro esperado.

Neste ínterim, é mister entender todas as minúcias que circundam a Contabilidade como um todo, mas em especial a Contabilidade de Custos, que ampla colaboração trás para a sobrevivência “sadia” de qualquer corporação.

Portanto, Custos começa por simples planejamento, traçam-se diretrizes, executam-se e controla-se a empresa e seus gastos. Estes são os três pilares do sucesso em um negócio.

2 O PLANEJAMENTO EM CUSTOS

Analisando o sentido amplo da palavra, planejar envolve em primeira instância o pensamento antecipado - a presciência, dos aspectos que circundam o negócio em termos internos e externos e a imaginação de estratégias, definindo-as com base nos meios reais, métodos e roteiros a serem seguidos e continuamente traçados. Então, em termos mais simples, seria um conjunto de ações mapeadas, para ser seguido com certo rigor. É o planejamento que fica responsável pelos departamentos que comporão o organograma empresarial. Diante destas premissas, justifica-se a relevância do aparato fornecido pela área de custos.

Caberá então, ao momento do planejamento, determinar a tática de produção ou de venda que melhor traga rendimentos, o que originará outras necessidades:

- ✓ a avaliação de uma tecnologia adequada;
- ✓ haverá equipamentos importados? Quanto isso vai custar? Existe outra possibilidade?
- ✓ as quantidades demandadas pelo comércio;
- ✓ em que comércio atuar: nacional ou internacional?

- ✓ qual a quantidade de insumos que será necessário para atender a possível demanda?
- ✓ onde se comprará tais insumos? (pesquisa de preço)
- ✓ qual será o endereço adotado pela empresa? É concorrido?
- ✓ em quantos setores se dividirá a empresa?
- ✓ qual o papel de cada setor?
- ✓ quantos profissionais se exigirá para o bom funcionamento dos setores?
- ✓ onde buscar mão de obra habilitada?
- ✓ qual a importância para a sociedade da atividade fim da empresa? É essencial?
- ✓ quanto tempo a mercadoria ficará estocada? Qual o possível custo deste estoque?
- ✓ o negócio precisará de muito investimento em marketing? Quanto?
- ✓ efetuar os cálculos de orçamento para cada setor;
- ✓ e.t.c.

Como se percebe, a fase mais complicada é o planejamento dos investimentos e consequentes gastos. Analogicamente falando, o negócio quando pula esta fase, é como se nascesse um bebê prematuro ou “deficiente”.

Em sequência a esta fase crucial, vem a execução de todas as diretrizes traçadas no planejamento.

2.1 A EXECUÇÃO DOS PASSOS PLANEJADOS

Após se ter planejado todos os passos e características mais importantes da empresa, é só começar a colocar em prática. É claro que não existe um planejamento tão rígido que não possa ser alterado de modo mais real no momento da execução, e que não exija do gestor constantes adequações, já que o processo é feito por uma análise subjetiva da realidade, pautado em fatores que nem sempre a matemática corporativa dá conta de projetar.

Neste momento, a empresa deverá buscar o aproveitamento total de todas as possibilidades que lhe são ofertadas pelo sistema. Então, a partir deste ponto, eliminar desperdícios, perdas e ociosidade são passos importantes, é onde se abanca a convivência com as primícias dos sistemas de custos.

Após esta fase, inicia-se então a etapa do controle, que é a terceira fase da gestão aplicada por meio dos custos. Em termos claros, consiste no monitoramento da execução dos planos. Pela lógica, fica impossível o êxito em um planejamento com a aplicabilidade de ações descontroladas, já que em um negócio se lida, continuamente, com recursos limitados, como o tempo, mão de obra, matéria-prima, etc.

Para as empresas que já existem, uma ferramenta boa é utilizar os dados de planejamentos de períodos anteriores e verificar sua eficácia quando foi aplicado. Isto dará um perfil do desempenho da empresa e um diagnóstico da capacidade de crescimento da mesma.

Neste sentido, nos últimos tempos têm surgido muitas filosofias para o controle com êxito das empresas, como é o caso da recente Filosofia de Excelência Empresarial.

3 FILOSOFIA DE EXCELÊNCIA EMPRESARIAL

Dentro dos novos paradigmas que surgiram em função da boa administração dos custos, a filosofia de excelência empresarial trás como pilares ideias antigas, mas com um contexto mais simplificado e enfatizado, na busca de provar aos usuários dos sistemas de custos, quais as ideias-chave a serem aplicadas pelo mesmo. Como evidência do quanto esta filosofia gera bons resultados, grandes empresas têm aplicado e encontrado êxito.

Esta filosofia conta com dois princípios fundamentais:

- ✓ O contínuo aperfeiçoamento
- ✓ A eliminação de desperdícios

O primeiro princípio implica reconhecer que todos os aspectos que tornam o produto final mais valioso para o cliente, podem melhorar sempre, continuamente. A exemplo: a qualidade, a produtividade, e.t.c.

O segundo princípio observa que desperdício se considera todas as características do produto que não lhe adiciona valor para o cliente, e que, portanto, pode ser dispensada.

Para a sustentação destes princípios, existem certos pilares:

- ✓ Faça as coisas corretas na primeira vez
- ✓ Extrema rapidez na preparação de máquinas e arranjos de células de produção
- ✓ Envolvimento das pessoas

Esses pilares podem ser considerados o caminho para a boa execução dos princípios.

Depois se praticar os passos iniciais dos Custos, passa-se a aplicar uma forma de gestão de custo mais exata, ou seja, um formato de controle mais organizado e específico na empresa.

4 GESTÃO ESTRATÉGICA DE CUSTOS

A expressão “gestão estratégica de custos” vem sendo utilizada ultimamente para designar a integração que deve haver entre o processo de gestão de custos e o processo de gestão da empresa como um todo.

Em função desta busca é que desde 1970, que as empresas têm buscado formas diferenciadas de agir em função da grande concorrência que se instalou desde então. Daí, novas tentativas surgiram e por conseguinte novas maneiras de pensar. É neste contexto aparece as teorias Just-in-time, total quality control, computer aided desing, computer aided manufacturing, flexible manufacturing system e computer integrated manufacturing. Mais recentemente, a união de todas estas ideias numa só filosofia: a da excelência empresarial.

Com o avanço comercial, cada vez mais aumentou a necessidade de se ter maiores lucros para se fazer maiores investimentos. Isso, implicaria então a utilização de sistema de custeio que alocasse o mais exatamente possível os custos da empresa. Os sistemas utilizados até então eram falhos neste sentido, eles distorciam o custo final do produto, como também não permitiam a correta gestão e mensuração estratégica das atividades relacionadas com a produção final.

Então, novos sistemas de custeios surgiram, foram experimentados, remodelados e melhorados, como é o caso do Custeio Baseado em Atividades (ABC). Tal sistema, é amplamente analisado aqui por ser a sugestão ideal para as empresas que desejam aumentar seu lucro, como é o caso das pequenas empresas.

5 CUSTEIO BASEADO EM ATIVIDADES: a melhor opção gerencial

O sistema “Activity Based Costing”, foi desenhado especialmente para aquelas empresas que participavam ativamente da concorrência. Tem como base estratégias de redução de custos de produtos homogêneos e manufaturados em grande escala para estoques.

O sistema ABC se baseia no conceito de que o desempenho de certas atividades é o que ocasiona o consumo de recursos produtivos. A partir daí se faria necessário separar as atividades que atribuem valor ou não ao produto no momento de sua produção. Entre exemplos de atividade cita-se comprar, receber, desembolsar, preparar uma máquina, operar a máquina, redesenhar o produto, realizar a venda e etc.

Por ser mais exato em suas análises e formas de calcular os dados, tem sido considerado o melhor a ser utilizado como ferramenta gerencial.

5.1 VANTAGENS DO CUSTEIO POR ATIVIDADES

Este método apresenta pontos inovadores se comparado aos outros sistemas de custeio:

- ✓ Utiliza direcionadores para atribuir os gastos indiretos de forma mais realista aos produtos e serviços;
- ✓ Tem por objetivo máximo estabelecer meios para os CIFs com as atividades;
- ✓ É capaz de dotar a gestão empresarial de meios de controle e de análise de rentabilidade muito mais poderosos;
- ✓ Efetua análise de processos;
- ✓ Mostra a relação entre os recursos consumidos, as atividades executadas e os objetos de custos;

Entende-se por este sistema que não é o produto ou o serviço que consome recursos, mas os recursos são consumidos pelas atividades, e estas, por sua vez, são consumidas pelo produto e serviço. Assim, um dos principais incentivadores em se optar pelo custeio ABC é a boa visão gerencial que se tem para se obter um suporte fixo e confiável, que possibilitem decisões acertadas. Mas não foi de uma hora para outra que este sistema se tornou tão essencial. O sistema de custeio passou por três fases de desenvolvimento, que o tornou maduro o suficiente para suprir as necessidades da empresa.

5.2 FASES DE NASCIMENTO DO SISTEMA DE CUSTEIO ABC

A primeira fase do custeio foi observada em meados da década de 60, onde se percebia que as empresas possuíam os conceitos base deste sistema, como por exemplo, ter ciência de que são as atividades que consomem recursos e não os produtos, estes últimos consomem as atividades. Apenas não se utilizava ainda a nomenclatura usual - custeio por atividades.

A segunda fase, que se estabelece no período de 1980 a 1985, foi aquela em que o sistema baseado em atividades passou a ser considerado como uma nova abordagem de custeio, com características mais interessantes. Foi uma fase de reconhecimento do sistema, porém, ainda era visto mais como uma forma alternativa dos sistemas tradicionais de custeio do que uma maneira gerencial relevante e aplicável a uma produção. Os acadêmicos apenas estavam começando a traçar suas análises sobre este sistema. Então, ainda não havia literatura que desse suporte para aqueles que queriam ampliar suas noções sobre o assunto.

Na terceira fase, o sistema finalmente adquire maturidade e passa a se diferenciar das anteriores por três motivos:

- ✓ Reconhece que a lucratividade dos produtos é uma questão de estratégica ;
- ✓ Desenvolve uma disciplina adequadamente estruturada para a implementação do sistema;
- ✓ Disponibiliza um software especialmente projetado para facilitar a criação do sistema.

5.3 A ESTRUTURA DO CUSTEIO ABC

A estrutura do método ABC se divide em três:

- ✓ Centro de atividades: reúne as atividades de diversos segmentos para facilitar a análise e o controle;
- ✓ Direcionadores de custos: servem de mecanismos de desagregação de custos e também para a descoberta de relação de causa e efeito na incorrência de custos;
- ✓ Categoria de recursos: reúne as diversas contas do livro-razão, facilidade de coletar e interpretar cada informação em termos das atividades para facilitar a escolha de indicadores.

Após analisar um dos sistemas de custos considerados mais eficazes no mercado competitivo atual, bem como os passos primários na Contabilidade de custos, é ressaltante analisar também como implantar um sistema de custos dentro das pequenas empresas.

6 COMO IMPLANTAR UM SISTEMA DE CUSTOS DENTRO DE UMA MICRO OU PEQUENA EMPRESA

A contabilidade de custos está ligada intimamente a contabilidade gerencial. Esta última se aproveitará dos dados fornecidos pela primeira para tomar decisões quanto a melhor forma de utilizar os recursos no ambiente de produção. Da decisão de se demitir um funcionário, a simples fixação do preço de venda, percebe-se a indubitável precisão do sistema de custos.

Os problemas de natureza gerencial exigem decisões em função de se ter em disponibilidade várias hipóteses, daí o quão crucial é obter dados reais para uma decisão bem sucedida .

Para implantar um sistema de custos é preciso primariamente seguir alguns passos:

6.1 PASSOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE CUSTOS

• IMPLEMENTAÇÃO GRADATIVA

Uma verdade a se ter sempre em mente é que sistema não é somente um conjunto de normas, fluxos, papéis e rotinas, mas um conjunto de pessoas; muitas vezes, entretanto, esquecemo-nos disso. Sistemas de Custos não são exceções e dependem primordialmente de pessoas, não de números, papéis e rotinas. Por isso, a implantação de um sistema adequado requer o treinamento de todo pessoal envolvido, desde aqueles que estarão com a “mão na massa” propriamente dita, como aqueles que ficarão na parte administrativa. Não há sistema pronto para uma determinada empresa, e justamente a medida que o pessoal for sendo treinado e for aplicando a empresa, pontos falhos aparecerão e mais ajustes se farão essenciais.

Então, ainda neste ponto, observam-se dois aspectos:

- ✓ Aplica-se sempre da parte para o todo: ou linha de produção ou um produto deverá ser escolhido para a aplicabilidade do sistema. Depois de aprovado é que se estenderá a toda empresa;
- ✓ Do simples para o sofisticado: quanto mais simples mais fácil será o processo de implantação do sistema. Assim, a princípio, somente os custos relevantes deverão ser apurados e analisados. A medida que o pessoal for se envolvendo com o sistema adotado é que se vai aumentando seu grau de abrangência e precisão.

Em termos de pessoal de produção, algo que pode atrapalhar um pouco e atrasar a implantação do sistema é que no início todos estão com a atenção voltada apenas para o processo de produção, não atentando para nenhuma espécie de controle burocrático. Aí é surge o papel do superior para efetuar um trabalho de conscientização sobre a importância do sistema e os possíveis benefícios trazidos pelo mesmo. Para tanto, deve-se mostrar ao grupo da produção os relatórios produzidos com os dados adquiridos por meio do sistema de custos, expondo o significado de certos dados e o quanto esses colaborarão para o progresso e lucro da empresa, como um todo.

• ESCOLHA DO SISTEMA DE CUSTOS

Para se avaliar qual o sistema adequado para suprir as necessidades da empresa, é preciso começar do fim.

O primeiro aspecto que se deve considerar é para a empresa que deseja implantar um sistema. Todas as hipóteses devem ser avaliadas referente a intenção da adoção do sistema: é para controle, para dar suporte a decisões rotineiras, para avaliar os estoques, para otimizar a produção, para diminuir custos e aumentar lucros, etc.

Um outro ponto que definirá o tipo de sistema é quem vai receber as informações na ponta da linha e como dito, o que fará com esta. Daí, esta mesma pessoa deverá definir quais tipos de informações ela necessitará para cumprir com o objetivo já definido pela empresa.

Estando claros os motivos de se aplicar um sistema de custos, bem como se definindo as espécies de informações necessárias para a boa gerência, fica simples definir o sistema adequado.

O próximo passo seria então avaliar todos os custos de todas as informações trazidas por tal sistema e os benefícios trazidos.

• ANÁLISE DO CUSTO/BENEFÍCIO

Aplicar um sistema de custos requer dispêndios para empresa, isso porque o pessoal precisará de capacitação e em última instância contratar pessoas habilitadas. Então fica sendo necessário uma análise profunda dos resultados que serão obtidos caso se adote realmente o sistema, é preciso certa noção de que os benefícios trazidos serão maiores do gastos envolvidos.

É muito raro que uma informação seja inútil para a administração, mas muitas informações juntas tronam-se complicadas dependendo da empresa, do tamanho do pessoal e do tempo disposto. Por isso que aqui se destaca a necessidade extrema de se averiguar se possível o custo de cada informação trazida pelo sistema em comparação com o efeito da mesma para a melhoria do serviço e/ou produção e para o aumento do faturamento e lucro.

Após se ter a devida certeza dos benefícios que serão trazidos pelo sistema em plano, é preciso se seguir um roteiro para a implementação do sistema.

6.2 ROTEIRO A SER SEGUIDO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE CUSTOS ESCOLHIDO

Depois que a empresa comunicou e explicou ao seu pessoal os motivos de se aderir um sistema de custos, após se avaliar a intenção da empresa e a sua real necessidade e de

escolher com base nisto, o sistema adequado, é hora de se seguir uma ordem de atitudes para se aplicar corretamente o sistema:

- ✓ Conhecimento dos produtos e do sistema de produção: é preciso que aquele que venha a desenvolver o sistema na empresa conheça amplamente todos os seus produtos e sistemas de produtos ou serviços. Se esta pessoa não for da empresa, visitas deverão ser feitas para tal conhecimento. Como nenhuma empresa é igual, cada uma tem suas peculiaridades, o sistema de custos deverá se adequar ao sistema de produção e não o contrário;
- ✓ Definição dos centros de custos: Depois de se bem conhecer o sistema de produção, deverão ser identificados os centros de custos auxiliares e os produtivos. Desta definição, depende a alocação correta e eficiente de todos os custos ao produto;
- ✓ Conhecimento dos custos trazidos por cada produto: cada produto deverá ser decomposto para identificação de todos os custos incorridos em sua produção;
- ✓ Identificação dos custos diretos e indiretos: por meio deste passo sabe-se os custos que deverão ser rateados e aqueles que serão alocados diretamente aos produtos;
- ✓ Identificação dos custos mais importantes: os custos mais importantes deverão ter atenção redobrada e ao mesmo tempo controles mais rígidos, ao passo que os menos relevantes terão controles mais simples;
- ✓ Definição dos métodos de controle e de avaliação dos estoques:
 - Manual ou informatizado
 - Exigir controles paralelos (financeiros, quantitativo)
 - Ser baseado em custo padrão, histórico, corrigido ou outro
 - Ser valorizado pelo método do custo médio, PEPS ou UEPS
- ✓ Definição dos critérios de rateio e direcionadores de custos: aqui se define o que considerar para ratear os custos, principalmente os fixos, já que as empresas assim como as pessoas, são ímpar;
- ✓ Definição da contabilização dos sistemas: nesse passo deverá se definir os seguintes aspectos:
 - Se o sistema será integrado a contabilidade;
 - Se a contabilidade geral usará o razão analítico;
 - Como será efetuada a conciliação entre o razão geral e o analítico.
- ✓ Definição dos relatórios de controle gerencial:
 - Quais os relatórios que serão emitidos
 - Conteúdo

- Usuário
- Prazos de apresentação
- Acompanhamento.

Seguindo o roteiro exposto, a empresa consegue de maneira básica todos os dados necessários para implantar com êxito um sistema de custo que seja adequado a sua circunstância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as empresas têm como objetivo principal a maximização de seus lucros. Para tanto, muitas vezes o simples aumento do faturamento por meio do incentivo ao cliente através de uma boa campanha de marketing é suficiente.

Em outro ângulo, muitas vezes a empresa já tem no mercado um lugar de destaque, ou seja, suas vendas já estão no topo de mercado, mais do que o esperado. Numa situação dessas, quando o lucro da empresa está baixo, é o momento de analisar o que precisa ser mudado, retirado, aderido. É hora de se reavaliar principalmente as direções de recursos financeiros da empresa e o grau de controle que a eles estão sendo dispensados.

Neste íterim, é que se justifica a existência e constante utilidade pelas entidades financeiras da contabilidade de custos. Isto porque esta propicia a seu usuário formas de planejamento e controle por meio das análises dos custos controláveis e dos estimados. Por meio disso, a empresa pode conhecer a sua realidade, comparar com o ideal planejado e tomar providências rápidas para adequá-la ao que deve ser.

Na busca de fornecer as empresas todo o suporte por meio das informações mencionadas, é que estudiosos, ao longo do tempo e das exigências de mercado, desenvolveram inúmeros sistemas de custos, cada um com suas peculiaridades, suas vantagens e desvantagens. A situação econômica e financeira do país cada vez mais moldavam as necessidades de controle das empresas. Se estas não soubessem gerir bem seus recursos, sabendo onde aplicá-los, como e quando fazê-lo, o que implicaria certos investimentos, quanto trariam estes, etc, ficaria quase impossível sobreviver em um sistema sufocador em sentido de concorrência. Então, desde 1970, muitas empresas começaram a implantar um sistema de custos, nem que este fosse bem rudimentar.

Em tempos hodiernos, pode-se assistir a extrema necessidade de um bom sistema de custos por meio da observação do comportamento e desenvolvimento financeiro de pequenas empresas. Intui-se que a maioria destas se deparam com a falência antes de se aperceberem da

situação. No Brasil, é assustador o número de empresas que se descontrolam financeiramente a ponto de não saberem o ritmo de seus negócios e o rumo que estão levando. É notória a precisão de um sistema de controle rígido ao tempo que de pessoas que estejam aptas para utilizar tais sistemas bem como aplicá-los.

É justamente neste contexto que moram as maiores dificuldades. Geralmente empresas que contam com pequenas estruturas financeiras não podem obter o suporte exigido para a implantação de um sistema de custos. Porém, se os sócios conseguirem obter o conhecimento necessário, o passo-chave já terá sido dado.

Tendo sido focado neste trabalho a região brasileira como o todo, verificou-se que muitas vezes a deficiência maior está realmente nos sócios. Quando uma pessoa leiga inicia um negócio, a situação é difícil, pois para quem não tem noções de administração financeira, de contabilidade de custos ou gerencial e muito menos está disposto a aprender, torna-se impossível gerir um negócio e levá-lo ao êxito. Na região em questão, conta-se com um povo receptível a novidades; uma cultura consumista, apesar do povo humilde em sua maioria; uma riqueza natural muito diversificada; mão-de-obra a vontade; insumos; formas de pagamento de todos os tipos; etc. Assim, supõe-se que a única coisa que falta aos micro e pequenos empresários brasileiros é a noção gerencial.

Para combater os problemas de gestão de gastos basta se seguir certos passos para aplicar um sistema de custos na empresa. O tempo é ingrediente principal para que todo pessoal se acostume e se habilite a utilizar as informações fornecidas pelo sistema. É preciso um planejamento, um estudo comparativo para relacionar os custos/benefícios de ativar um sistema de custos. Outro ponto-chave é a análise de todos os sistemas disponíveis e a constatação daquele que for melhor para empresa, tendo em mente o objetivo máximo da mesma, os recursos financeiros e humanos, etc.. É claro que nenhuma empresa é igual, assim, todo e qualquer sistema de custos precisará, indiscutivelmente, de modificações em sua base para suprir ao máximo a função a que se dispõe.

Assim, planejar, orçar, analisar e determinar ações é a meta de todo sistema de custos. Em sentido gerencial, as empresas ficam a vontade para optar pelo sistema que mais lhe agrade. Neste trabalho defende-se a utilização dos sistema de custeio ABC, por ser justamente aquele que melhor reflete a realidade, que aloca os custos aos produtos de forma mais justa e que portanto, permite tanto a quem relaciona os dados, como ao analista, ter acesso a uma base mais sólida para decisões muito mais seguras e apropriadas – objetivo maior do sistema de custos.

REFERÊNCIAS

DUBOIS, Alexy, KULPA, Luciana, SOUZA, Luiz Eurico. **Gestão de custos e Formação do preço de vendas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NAKAGAWA, Masayuki. **Gestão Estratégica de Custos**. São Paulo: Atlas, 2000.

ROBLES Jr., Antonio, et al. **Contabilidade de custos: temas atuais**. 22 ed. Curitiba: Juruá, 2008.